

The background of the cover is a complex, abstract composition of black ink splatters and brushstrokes on a white background. The splatters vary in size and density, creating a sense of movement and chaos. A prominent vertical streak of red ink runs down the center, starting from the middle of the page and extending towards the bottom. The overall effect is reminiscent of traditional East Asian ink wash painting, but with a more modern, expressive, and somewhat violent feel.

o ROUBO DO
AMULETO

RICARDO R. P. RESENDE

Flama avistou o Santuário de Angra e desceu. Em sua forma de fênix, ela pousou graciosamente e reassumiu a carcaça humanoide. A feral se ausentara do templo por duas horas para caçar e, saciada, retornou ao trabalho.

Abriu a porta com o mosaico da deusa do fogo e entrou no santuário. Pelo silêncio, imaginou que as irmãs estavam em oração. Andou fazendo o mínimo de barulho e subiu a escadaria buscando o seu posto.

— Detesto quando a caçada demora – disse para si. Flama não podia se ausentar em horário de serviço, mas o tempo a havia deixado indisciplinada. Quase cinco anos como guardiã e nunca tivera que agir. Aliás, em todo o período, ela só conseguia se lembrar de três ou quatro visitantes.

Flama chegou à porta no andar mais alto e a abriu. Ao olhar para dentro da pequena capela, a feral sentiu o suor escorrendo pela pele da cor do cobre e o coração acelerando tanto que parecia que ia rasgar as entranhas e saltar para fora. Ela olhou para o chão e para o teto. Então, levou as mãos à cabeça ao encarar o altar.

— Sumiu – sussurrou, segurando-se para não berrar.

O Amuleto Escarlata, artefato sagrado antiquíssimo que ela deveria proteger não estava no seu lugar. Flama se aproximou do suporte vazio e caiu de joelhos em desespero.

Sem saber o que fazer, a feral abriu a janela da capela, assumiu sua forma de fênix e voou. Com o período em que estivera fora, houve bastante tempo

para o ladrão se afastar do santuário, mas Flama tinha boa vantagem ao se deslocar acima do solo.

Sentindo o ar em suas penas vermelhas e laranjas, ela sobrevoou a floresta buscando observar a área mais abrangente possível. Não queria sequer pensar no que a clériga-chefe diria se soubesse que o maior tesouro do templo fora perdido porque a guardiã deixara seu posto.

Flama afastou os pensamentos de preocupação e se concentrou nas copas das árvores. Ela precisava alcançar os fugitivos.



A feral voou por quilômetros sem encontrar nada que chamasse atenção. Cansada, viu-se forçada a descer para recuperar energia. Pousou em um galho e ficou parada por alguns minutos. De repente, ouviu

passos. *Será que as estrelas decidiram sorrir para mim?*, pensou.

Não demorou muito tempo para que um grupo com três humanos passasse andando por entre as árvores. Flama notou que o tom purpúreo do crepúsculo começava a tomar conta do céu. *Eles vão ter que acampar em breve.*

Foi como se os indivíduos a tivessem ouvido. Alguns metros após passarem por ela, pararam, fizeram uma fogueira discreta e começaram a conversar.

— Que trabalho fácil, viu? — comentou um deles.

— Pois é! — respondeu outro. — Eu não sei nem porque o cara precisava da gente.

— Verdade! – afirmou o terceiro, dando uma risada. — Dez moedas de ouro só para entrar num templo vazio e entregar o colar na mão dele. O cara trabalha lá. Podia ter feito tudo sozinho.

Escutar aquela breve conversa irritou a feral. O culpado estava debaixo do seu nariz o tempo inteiro. Ela desejou ir embora, mas havia mais uma informação que queria receber daqueles sujeitos.

Com um leve bater de asas, Flama desceu da árvore onde estava e se aproximou do acampamento. Ela assumiu a forma humanoide e sacou o par de adagas em sua cintura. Os três homens olharam em sua direção e a feral deu um sorriso ameaçador.

— Boa noite, senhores. Eu quero saber onde está esse sujeito que contratou vocês.

— Eu não sei como achou a gente, moça, mas vai se arrepender – respondeu um deles.

Os ladrões se ergueram e foram na direção da feral. O primeiro desembainhou uma espada, o segundo pegou uma faca e o terceiro, uma clava.

Flama esperou a deslocação dos adversários até o último segundo. Eles atacaram com ferocidade, mas a feral não teve dificuldade em se esquivar e, no movimento, deslizar a lâmina no pescoço do homem com a clava. O espadachim tentou atacá-la pelas costas, mas ela deu um chute no ar e uma bola de fogo foi atirada no rosto do ladrão, que caiu morto.

O sujeito com a faca começou a tremer. Ele deu dois passos para trás e se virou para fugir, mas Flama foi rápida e deu uma rasteira no oponente, que se desequilibrou e caiu.

— Você pode falar ou ter o mesmo fim que seus amiguinhos – rosnou a feral.

— E-eu f-falo! – gaguejou. — Ele foi para o Leste!

— Onde no Leste, seu excremento de dragão vermelho?

— E-eu não sei! J-juro!

Flama olhou para o bandido quase chorando no chão e embainhou suas adagas. Ela já tinha as informações que precisava. Só havia um homem no Santuário de Angra: Eichi, o guardião do período noturno. E não fazia sentido algum que ele falasse muita coisa para aqueles lacaios. A feral transformou-se e voou para longe dali.

“Ele fugiu para o Leste”, pensou irritada. “Pelos chamas de Angra! Eu estou perdida!”



Flama bateu suas asas enquanto tentava cobrir a maior área possível para encontrar o traidor que roubara o amuleto. Ela podia não ligar muito para a relíquia, mas se importava com o prejuízo que aquilo lhe causaria. *Vou perder meu emprego! Se eu encontrar aquele desgraçado, eu juro que arranco a cabeça dele,* pensou com raiva.

Se Eichi estava seguindo para o Leste, ou ele viraria para o Norte e atravessaria a Floresta de Pinheiros, ou pretendia chegar à pequena Porto das Ondas. Nesta, ele poderia pegar um navio para qualquer lugar de Azúria e encontrá-lo se tornaria uma utopia. *A segunda opção faz muito mais sentido.*

A feral se deslocou de modo menos intenso e mais constante. Ela não tinha como saber a distância

percorrida pelo seu colega, mas duvidava que ele conseguisse avançar mais rápido que uma fênix. Além disso, Flama já tinha voado demais naquele dia e não podia correr o risco de estar esgotada quando alcançasse o ladrão do Amuleto Escarlata.

O vento que soprava parecia favorecer a feral. Acima, as estrelas brilhavam e a lua cheia se escondia atrás de algumas nuvens. Abaixo, Flama seguia sem encontrar qualquer rastro do fugitivo.

O tempo passou e a feral sentiu o desgaste. Mesmo com o vento a favor, voar começou a ficar mais difícil. As asas pesavam e o coração batia cada vez mais rápido. Entretanto, ela se recusou a parar.

Flama não sabia precisar a distância que havia percorrido, mas tinha sido o bastante para ter certeza que não conseguiria retornar ao santuário no mesmo

dia. *A essa altura, a ausência do amuleto com certeza já foi notada. Espero que não achem que eu o roubei.*

A feral seguiu firme em seu trajeto, mas começou a desconfiar que era tarde demais para encontrar Eichi. Sentindo o próprio peso, Flama permitiu que seu corpo descesse para uma altura de poucos metros. Naquele momento, algo a atingiu e ela despencou. Com dificuldade, conseguiu ajeitar o corpo para que a queda não fosse fatal, mas, ainda assim, rolou batendo diversas vezes no chão até parar.

Flama voltou à forma humanoide e se ergueu com dificuldade. Seu tórax doía muito e ela suspeitou que tinha quebrado algumas costelas. Além disso, seus membros estavam machucados. *O que raios acabou de acontecer?*

— Confesso que não esperava que viesse atrás de mim – disse uma voz conhecida. — Mas eu me preveni direitinho.

Eichi apareceu seguido por dois homens armados com porretes lisos. Flama sabia que lutar contra três era estupidez e seu estado físico era uma desvantagem incontornável. O ideal seria se transformar em fênix e fugir, mas ela acabara de ser atingida no ar.

— Eu vim buscar o Amuleto Escarlate, Eichi – anunciou a feral, mas as palavras só causaram risos em seus oponentes.

— Até que ela é engraçada – o guarda riu e seus capangas gargalharam. — Acabem com ela.

Flama viu os dois homens avançarem brandindo suas armas. A feral se esquivou do primeiro

golpe, mas o movimento fez com que ela sentisse uma dor lancinante no tronco.

Um dos inimigos avançou e a golpeou. A feral tentou desviar mais uma vez, mas seus ferimentos custaram grande parte da mobilidade dela. A maça atingiu seu braço e ela foi arremessada. O outro capanga se deslocou, mas Flama estendeu a mão direita, conjurou um projétil de fogo e o atirou, acertando o peito dele. Um a menos. Entretanto, a fração de segundo que a feral levava para produzir a magia foi o suficiente para que o outro oponente aproveitasse a brecha para acertar uma pancada em sua cabeça.

O mundo pareceu girar enquanto Flama perdia o equilíbrio e caía desorientada. Sua visão ficou

embaçada. Ela ainda sentiu dois chutes nas costelas antes que tudo ficasse escuro.

Rachaduras apareceram no corpo da feral e este foi se esfarelado. Então, Flama se desfez em cinzas. E estas emitiram um brilho fosco que aumentou gradativamente até que um clarão tomasse conta do ambiente. Em seguida, uma enorme labareda se projetou contra o capanga restante, levando consigo uma torrente de fogo. Não houve tempo para que ele reagisse: o ataque foi tão poderoso que o homem foi carbonizado. O fogo se dissipou e Flama estava em pé na forma humanoide.

— De novo, Eichi – disse a feral ofegante. — Eu vim buscar o Amuleto Escarlate.

A regeneração havia curado os ferimentos da Flama, mas levaria semanas até que a proteção ficasse

ativa de novo, independentemente da forma que a feral assumisse. Não havia espaço para riscos, pois ela não voltaria à vida mais uma vez.

— Flama, Flama... – Eichi encarou a oponente.

— Por que não vai embora? Você não se importa muito com a relíquia. Se for para casa, não vou precisar te matar.

— Você é engraçado, tenho que admitir – debochou a feral.

Eichi pegou a relíquia e a colocou no pescoço. Flama ficou tensa.

— O que está fazendo, seu excremento de dragão vermelho? – exasperou-se ela. — Nós não temos resistência para canalizar o poder do amuleto!

— Meu mestre garantiu que posso usar a joia sem problemas! – a risada que ele emitiu foi doentia.

— Eichi, não faça isso!

Ele abriu os braços e o Amuleto Escarlate brilhou com a cor do fogo. Em seguida, um ciclone flamejante começou a se formar ao redor dele. Flama arremessou três projéteis de energia, mas eles foram bloqueados pelas chamas. Rapidamente, o poder cresceu e a feral se viu sem alternativa a não ser correr.

Flama olhou ao seu redor e encontrou uma pedra que poderia usar como proteção. Abrigou-se atrás dela e estendeu a mão para conjurar uma barreira.

O ciclone de fogo tomou conta do ambiente. Flama não conseguia ver nada além do borrão vermelho que destruía tudo que tocava. Ela canalizou sua energia na manutenção da barreira, mas a pressão das chamas era intensa. Quando percebeu que não

aguentaria mais, transformou-se e, na forma de fênix, recebeu o ataque.

Flama foi carregada pela energia desenfreada do ataque, girando sem direção e torcendo para não ser arremessada contra algo que a partisse em duas. Com suas asas, ela tentou manter o equilíbrio e rezou para sobreviver àquela torrente de energia. *Ainda bem que deu tempo de mudar de forma antes de virar carvão.*

Então, ela ouviu a voz do guardião da noite. O som guiou os olhos da feral para Eichi, que gargalhava no centro do ciclone. A pele dele brilhava enquanto recebia o poder fluindo do amuleto. A cada segundo, o fogo ficava mais forte e Flama tinha mais dificuldade de resistir ao fluxo.

— Agora, você vai morrer, sua idiota! — berrou Eichi, abrindo os braços.

A luz irradiada por ele foi tão intensa que Flama teve dificuldade de manter os olhos abertos. A feral se preparou para o pior. Então, o brilho no inimigo começou a ficar fosco.

— Não! — urrou o indivíduo enquanto o ciclone de fogo desacelerava. — Meu mestre disse que eu podia usar o amuleto! Meu mest...

Antes que pudesse concluir a fala, o brilho da relíquia se esvaiu e o corpo do Eichi quebrou como porcelana antes de virar pó e ser levado pelo vento. Instantaneamente, o ciclone de fogo se desfez, deixando um rastro de destruição e alguns focos de incêndio que ainda causariam um bom estrago. Sem tempo para se preocupar, Flama desceu até onde apenas as vestes do seu falecido colega restavam e recolheu o Amuleto Escarlata com a pata. Levantou

voo observando o ambiente apenas para confirmar que estava sozinha.

Contra todas as chances, a missão fora um sucesso. Mas Flama tinha um pressentimento de que nada seria como antes.

Obrigado por ler! Acesse o meu site e conheça mais do meu trabalho. Siga-me no Instagram e curta minha página no Facebook! Compartilhe esse conto com seus amigos. Para me apoiar ainda mais, compre este eBook na Amazon. Custa apenas R\$1,99.

ricardorpresente.wixsite.com/escritor

Instagram: @ricardorpresente

Facebook: @ricardorpresente



Ricardo R. P. Resende